

Aline Paulista de Oliveira

**INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE O BRASIL E A CHINA:
EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada como
requisito parcial para a conclusão do curso de
bacharelado em Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília/DF

2005

Aline Paulista de Oliveira

**INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE O BRASIL E A CHINA:
EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS**

Banca Examinadora:

Prof. Alaor Sílvia Cardoso
(Orientador)

Prof. Cláudio Ferreira da Silva

Prof. Carlito Roberto Zanetti

Brasília/DF

2005

SUMÁRIO

Resumo	v
Abstract	vi
Siglas	vii
Introdução	01
Capítulo 1 – Abordagem teórica	04
1.1- Adam Smith – Vantagem Absoluta.....	04
1.2- David Ricardo –Vantagens Comparativas	07
1.2.1- A teoria das vantagens comparativas.....	08
1.2.2- O conceito intuitivo das vantagens comparativas.....	09
1.2.3- O conceito científico das vantagens comparativas.....	09
1.3- Hecksher, Ohlin – Dotação relativa dos fatores.....	11
1.3.1- Teorema de Hecksher e Ohlin.....	12
Capítulo 2 – A economia da China e seu comércio com o mundo	14
2.1- China – dados geoeconômicos.....	14
2.2- A economia chinesa.....	16
2.2.1- O desempenho do PIB e os indicadores de solvência.....	17
2.2.2- A explosão das exportações chinesas.....	19
2.2.3- Direção do comércio exterior.....	21
2.3- O intercâmbio China – EUA.....	23
2.4- China e Taiwan.....	25
2.5- Comércio exterior da China com o resto do mundo.....	26

2.6- Política de Comércio Exterior.....	28
2.7- A China Pós-OMC.....	29
Capítulo 3 - Intercâmbio comercial e econômico do Brasil com a China.....	31
3.1- Característica do Comércio Brasil-China.....	31
3.2 – Comércio brasileiro com a China por fator agregado.....	33
3.3- Intercâmbio comercial bilateral: evolução do comércio sino-brasileiro.....	35
3.4- Composição do intercâmbio bilateral.....	36
3.5- Panorama comercial.....	40
3.5.1- Principais barreiras.....	40
3.5.2- Oportunidades de negócio.....	41
3.5.3- Principais acordos bilaterais.....	41
3.6- O futuro da China.....	42
3.7- A visita do Presidente Lula à China.....	42
Conclusão.....	45
Referências bibliográficas.....	48
Anexo.....	50

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar o intercâmbio comercial do Brasil com a China, sua evolução e perspectivas. A China tem tido, nas últimas décadas, um desempenho expressivo em termos de crescimento do PIB, das exportações, das importações e, conseqüentemente, de sua participação nos fluxos internacionais de comércio. O país tem apresentado taxas de crescimento do produto de mais de 8% ao ano, e do produto per capita, de mais 7% ao ano, em média, nos últimos anos. Com esse crescimento e com uma população de cerca de 1,3 bilhão de habitantes, o país é, hoje, o sexto maior mercado mundial. O forte desempenho das importações chinesas fez que a China emergisse como um mercado importante para as exportações de vários países, inclusive com o Brasil.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the commercial interchanges between Brazil and China, its evolutions and perspectives. China's GDP has shown an expressive growth during the last decades, as well as its exports, imports and, consequently, its participations in the international trade flow. The country has shown a GDP rate greater than 8% per year and a GDP per capita above 7% per year during the last years. With that growth and a population of about 1.3 billion, China is today the sixth biggest world economy. China's imports great performance made it emerge as an important market to other country's exports, including Brazil.

TABELA DE SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

EPI – Earth Policy Institute

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MOFCOM – Ministério do Comércio da China

SECEX – Secretaria de Comércio Exterior

FMI – Fundo Monetário Internacional

PIB – Produto Interno Bruto

OMC – Organização Mundial do Comércio

EU – União Européia

RPC – República Popular da China

INTRODUÇÃO

A República Popular da China, o maior país em desenvolvimento com a maior população e o terceiro maior território do mundo, vem apresentando um crescimento econômico rápido e sustentável ao longo dos últimos vinte anos. O PIB da China passou de 7,4 trilhões de yuans (US\$ 890 bilhões), em 1997, para 10,2 trilhões de yuans (US\$ 1,23 trilhão), em 2002, o que representa um crescimento médio anual de 7,7%. A arrecadação nacional de impostos vem apresentando taxas de crescimento maiores a cada ano. A arrecadação fiscal total passou de 865 bilhões de yuans (US\$ 100 bilhões), em 1997, para 1,89 trilhão de yuans (US\$ 230 bilhões), em 2002. As reservas cambiais da China cresceram de US\$ 139,9 bilhões, em 1997, para US\$ 286,4 bilhões, em 2002¹ e atingiram, no final de 2003, o patamar de US\$ 403,3 bilhões, ou US\$ 116,9 bilhões a mais que no final de 2002. Até o final de setembro de 2005, as reservas cambiais da China haviam sido estabilizadas em US\$ 514 bilhões, registrando aumento de 27% desde janeiro.

Nos últimos anos, o mundo voltou sua atenção para os acontecimentos na China. O interesse se justifica quando se analisa o desempenho recente do país. De 1979, ano seguinte à reforma implementada pelo líder Deng Xiaoping, até 2003, a economia chinesa manteve uma taxa média de crescimento anual do PIB de 9,4%, alcançando uma produção total de US\$ 1,45 trilhão de dólares em 2003. Mesmo em períodos de agudas crises na economia mundial e nos países vizinhos, a economia chinesa apresentou um forte ritmo de crescimento.² De acordo com os economistas da Academia Chinesa das Ciências Sociais, uma instituição que aconselha o governo chinês, em 2005, a economia chinesa deverá crescer 8,9 por cento. O valor, citado pela agência oficial chinesa Xinhua, é ligeiramente superior ao do Banco Asiático de

¹ *Como Exportar – República Popular da China*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2004, p.7.

² PUGA, Fernando Pimentel. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: BNDES, n. 104, abr./2004, p. 5.

Desenvolvimento, que apontava no início do mês de abril deste ano, para uma taxa de crescimento em 2005 de 8,5 por cento, depois dos 9,5 por cento de 2004, que foi a taxa mais alta dos últimos anos.

O comércio exterior da China também fez grandes avanços, apresentando uma taxa anual de crescimento de 15% desde 1978. Em 2002, o volume combinado de importações e exportações chegou a US\$ 620,8 bilhões. As exportações chinesas atingiram US\$ 325,6 bilhões, o que representa a quinta posição no ranking mundial e equivale a 5,1% das exportações globais. No mesmo ano, as importações chinesas atingiram US\$ 295,2 bilhões – a sexta posição no mundo e 4,4% do total global.

A China é o país que recebeu o maior volume de investimentos externos em 2003, cerca de US\$ 60 bilhões, batendo inclusive os Estados Unidos.

A China conseguiu melhorar significativamente o padrão de vida de seu povo nos últimos anos. A renda *per capita* disponível das populações urbanas subiu de 5.160 yuans (US\$ 622,4), em 1997, para 7.703 yuans (US\$ 930,3), em 2002, enquanto que a renda líquida *per capita* das populações rurais cresceu de 2.090 yuans (252,11 dólares) em 1997 para 2.476 yuans (299,03 dólares) em 2002.

Em 2003, o consumo de varejo teve crescimento real de 9,2%. Por segmento, os percentuais impressionam: alta de 68,5% nas vendas de veículos; 70% em equipamentos de telecomunicações; 18,3% em equipamentos de áudio e vídeo e 28,2% em mobiliário. Houve uma mudança muito rápida no estilo de vida e a tendência é crescer a classe média.

A China tornou-se membro pleno da Organização Mundial do Comércio – OMC em dezembro de 2001, o que foi positivo tanto para o país quanto para o resto do mundo; além da integração aos processos de globalização da economia mundial, o ingresso da China na OMC facilitou a entrada de produtos, serviços, capital e tecnologia dos outros países no mercado chinês.

O fenômeno do crescimento do intercâmbio comercial chinês com o mundo nos últimos anos parece comprovar o que Napoleão Bonaparte disse há séculos sobre a China: “a China é um gigante adormecido. Que, no dia em que acordar, o mundo vai ‘tremar’”.

Tanto as exportações como as importações chinesas cresceram, nos últimos 20 anos, acima das taxas de expansão do comércio mundial. O constante crescimento da China no comércio mundial tem sido notório e simultaneamente alavancador na economia asiática regional.

CAP. 1 – ABORDAGEM TEÓRICA

1.1 Adam Smith – Vantagem absoluta

Considerado o pai da economia, Adam Smith (1723-1790) foi o primeiro estudioso a analisar as práticas políticas mercantilistas – no livro *A Riqueza das nações* – e a responder às questões que envolvem o assunto, de forma sistêmica. A idéia central de Smith é que a produção, ou seja, a criação de produtos para troca, sempre requer o uso do fator básico de uma nação, o trabalho humano.³

Nesse sentido, o cerne da teoria econômica que apresenta em seu livro – essencialmente uma teoria do crescimento econômico – é claro e concisamente apresentado nas primeiras páginas: a riqueza ou o bem-estar das nações é identificado com seu produto anual *per capita*, que, dada sua constelação de recursos naturais, é determinado pelo rendimento do trabalho útil ou produtivo (entendido como aquele que produz um excedente de valor sobre o seu custo de reprodução) e pela relação entre o número de trabalhadores empregados produtivamente e a população total.⁴

Entretanto, Smith não ficou apenas na teoria. Analisando empiricamente os estágios iniciais da industrialização inglesa, observou que as indústrias separavam o processo de produção em diferentes estágios, e cada trabalhador ou grupo de trabalhadores se ocupava somente de uma parte da produção, contrariamente às manufaturas medievais, em que o artesão fabricava todo o bem do início ao fim. Ele denominou essa prática de **divisão do trabalho**.⁵

Essa especialização aumentou consideravelmente a **produtividade** dos trabalhadores e das indústrias e constitui a base da forma de produção capitalista. Assim, a industrialização significou uma transformação do artesão medieval, dono dos seus meios de

³ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 29.

⁴ GALBRAITH, J. K. *O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1989, p. 62.

⁵ NAPOLEONI, C. *Curso de economia política*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 305.

produção, em trabalhador assalariado, associado a um processo produtivo marcado pela divisão do trabalho em operações simples e especializadas.⁶

O fenômeno da troca, portanto, pressupõe uma divisão do trabalho entre os que trocam, no sentido de que cada um, uma vez de produzir tudo de que necessita, se especializa na produção daquilo que é mais capaz, e obtém o resto trocando, precisamente, os próprios excedentes com os excedentes dos demais.⁷

Para Smith, o fundamento do comércio internacional é justamente a **divisão internacional do trabalho**, isto é, a especialização de cada país individual em determinados tipos de atividade econômica.⁸ Cada país, em virtude das habilidades adquiridas por seus trabalhadores ou da abundância dos seus recursos naturais, pode produzir os mesmos bens utilizando diferentes horas de trabalho humano. Essa diferença existente entre os países em relação ao número de horas necessárias para produzir o mesmo bem é o que se denomina de **teoria das vantagens absolutas**.⁹

Essa diferença ainda permite a especialização na produção de certas mercadorias – razão pela qual o comércio exterior existe. A **divisão internacional da produção**, segundo os economistas clássicos, elevaria a produtividade de todos os parceiros e, conseqüentemente, o bem-estar das suas respectivas populações. As atividades econômicas em que os países se especializam são aquelas em que o número de horas trabalhadas para se produzir uma unidade de mercadorias é menor que o de seus parceiros comerciais, seja pela habilidade dos trabalhadores ou pela abundância de matérias-primas.¹⁰

⁶ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 30.

⁷ SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Livro 1, parte 1ª. São Paulo: Global Editora, 2ª ed., 1985, p. 9.

⁸ NAPOLEONI, C. *Curso de economia política*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 325.

⁹ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 30.

¹⁰ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 31.

Disso resulta a resposta às inquietações dos economistas clássicos: os países realizam comércio internacional porque possuem vantagens com relação a outros. Se cada um se especializa na atividade em que é mais competitivo, haverá incentivo para a troca de excedentes, e então todos terão vantagens, porque poderão consumir bens a custos menores quando medidos em horas-trabalho.

Mas Smith, criticando os mercantilistas, faz uma ressalva:¹¹

“Quando dois lugares ou cidades comercializam entre si, essa teoria (mercantilista) supõe que, se a balança comercial entre os dois estiver em equilíbrio, nenhum dos dois ganha ou perde, ao passo que, se a balança pender, em qualquer grau, para um dos lados, uma delas perde e a outra ganha, na proporção em que a balança se desviar de seu ponto exato de equilíbrio. Ambas as suposições são falsas. Ao contrário, o comércio que sem violência ou coação é afetado com naturalidade e regularidade entre os dois lados, ainda que essa vantagem não seja sempre igual para ambos. Por vantagem ou ganho entendo não o aumento da quantidade de ouro e prata, mas o aumento do valor de troca da produção anual da terra e da mão-de-obra do país, ou seja, o aumento da renda anual de seus habitantes. Ganhará mais sempre o país que exportar o máximo de mercadorias nacionais e importar o mínimo de mercadorias estrangeiras.”

Essa tese, defendida por Smith, de que o comércio internacional, para gerar vantagens para todos os parceiros comerciais, deve ficar livre de interferências das legislações nacionais e práticas de comércio monopolizadoras, denomina-se **livre-cambismo** ou *laissez-faire*, e constitui a base teórica do liberalismo econômico, ainda hoje defendido por muitos economistas contemporâneos e objeto de política comercial de muitos governos.¹²

Em resumo, a principal contribuição teórica de Smith à economia internacional foi a generalização do conceito da divisão do trabalho nas manufaturas inglesas ao comércio internacional. Assim, cada país deveria se especializar na produção de bens que utilizasse menos horas trabalhadas do que os seus parceiros comerciais. Ou seja, nos bens em que detivesse vantagens absolutas com relação aos seus parceiros comerciais.

¹¹ SMITH, Adam. *A riqueza das nações*: investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. São Paulo: Nova Cultura, 1988, p. 92.

¹² SOARES, Cláudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 31.

1.2 David Ricardo – Vantagens comparativas

A teoria das vantagens comparativas, de David Ricardo (1772-1823), nasceu num contexto de debate sobre uma lei protecionista da era mercantilista – a Lei dos Cereais (*Corn Laws*) – que proibia a importação de cereais na Inglaterra se os preços agrícolas caíssem abaixo de um piso preestabelecido.

Ao final do período de guerras com a França (1793-1815), a Inglaterra apresentava uma conjuntura econômica de altos preços dos produtos agrícolas, resultante das pequenas extensões de terras produtivas e do crescimento da população urbana, pois era grande a migração do campo as cidades, em virtude da Revolução Industrial, e essa população necessitava de alimentos em volumes cada vez maiores para sua subsistência.¹³

Nessa época, a indústria têxtil inglesa passava por um forte crescimento e, para garantir o seu avanço tecnológico sustentado, necessitava de margens de lucros confortáveis que possibilitassem ao industrial acumular capital.

Esse processo foi possível graças à introdução da máquina a vapor. Mas, mesmo com utilização das máquinas a vapor no processo industrial, os salários não poderiam cair abaixo do **nível de subsistência** do artesão, porque, se isso acontecesse, eles morreriam de fome e haveria escassez de mão-de-obra, resultando em maiores salários.

Como o custo de subsistência do trabalhador dependia basicamente dos preços dos alimentos, a Lei dos Cereais, ao impedir a importação de grãos de outros países com maiores extensões de terras férteis do que a Inglaterra, tornava os alimentos mais caros e, conseqüentemente, aumentava o custo de vida do trabalhador e os salários.

Em resumo, a Lei dos Cereais, que servira como sustentáculo de uma balança comercial favorável, quando garantia os preços do setor agrícola, impedindo a importação, tornou-se contrária aos interesses do setor industrial, na época em que viveram Adam Smith e

¹³ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 32.

David Ricardo. A partir de 1815, esse conflito de interesses desencadeou um amplo debate teórico entre políticos e economistas, tendo Ricardo defendido, com sua teoria das vantagens comparativas, a revogação da Lei dos Cereais e o livre comércio como vantajosos para a Inglaterra.¹⁴

Ricardo fazia distinção entre a noção de valor e a noção de riqueza. O valor era considerado como a quantidade de trabalho necessária à produção do bem, contudo não dependia da abundância, mas, sim, do maior ou menor grau de dificuldade na sua produção. Já a riqueza era entendida como os bens que as pessoas possuem, bens que eram necessários, úteis e agradáveis.

1.2.1 – A teoria das vantagens comparativas

Essa teoria diz que cada país deve se especializar naquela atividade em que é mais produtivo e deve importar os outros bens de outros países (que supostamente também se especializaram no que são mais produtivos). Com essa especialização generalizada, cada país estará aproveitando sua capacidade produtiva ao máximo e o resultado será o crescimento generalizado para todos. Mas, para que essa especialização possa ser levada a termo e o crescimento econômico possa ser fomentado, é preciso que cada país desregulamente as trocas internacionais, ou seja, que cada país retire as taxas de importação e outras modalidades de barreiras ao comércio internacional. Embora a teoria das vantagens comparativas preveja um maior crescimento econômico, ela não prevê com quem ficará a riqueza gerada por esse crescimento.¹⁵

¹⁴ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 33.

¹⁵ Disponível em: www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/ftaa/jornalalca.htm - 54k>acesso em 10.10.2005.

1.2.2 – O conceito intuitivo das vantagens comparativas

Existe uma noção intuitiva da diferença entre as vantagens absolutas e as relativas. Smith disse que, dados dois países e dois produtos, se cada país se especializasse na produção dos bens que pudesse produzir com menos horas de trabalho, o comércio internacional traria vantagens para ambos. Ricardo generalizou esse conceito e afirmou que, mesmo que um dos países seja mais eficiente na produção dos dois bens comparativamente ao outro, ainda assim o comércio internacional traria benefício para os dois países se cada um se especializasse na produção dos bens e que fosse mais eficiente em relação ao outro.¹⁶

1.2.3 – O conceito científico das vantagens comparativas

Em sua principal obra – *Princípios de economia política e tributação* – David Ricardo aprofundou a teoria das vantagens absolutas elaborada por Adam Smith ao demonstrar que dois países, *A* e *B*, teriam vantagens mútuas quando se especializassem na produção dos bens *X* e *Y*, respectivamente, ainda que, por exemplo, o país *A* tivesse menores custos de produção medidos em horas de trabalho (vantagem absoluta) nos dois produtos em relação ao país *B*.¹⁷

Segundo Ricardo, isso é possível porque o país *B* poderia ter maior eficiência na produção de um dos bens em relação ao país *A* – daí o termo vantagens relativas.¹⁸ Na teoria das vantagens absolutas de Adam Smith, o comércio internacional não seria vantajoso para as duas nações porque o país *B* não teria bens a custos competitivos para vender ao país *A*.

Essa maior eficiência relativa, mesmo quando em termos absolutos um dos países produz as mercadorias com menor tempo de trabalho, ocorre em virtude das diferentes dotações em **fatores de produção** – naturais (recursos naturais) ou adquiridos (tecnologia e/ou

¹⁶ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 35.

¹⁷ RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Nova Cultura, 1985, p. 52.

¹⁸ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 35.

educação dos trabalhadores) -, os quais determinam custos de produção diferentes e, conseqüentemente, preços de mercadorias também diferentes entre os países.¹⁹

Em seu livro, Ricardo, na mesma linha de raciocínio de Smith, imagina um mundo com apenas dois países, Inglaterra e Portugal, produzindo apenas dois bens, vinho e tecidos. Ele assume que a **produtividade** do trabalho varia entre as indústrias e entre os países. Mas, ao contrário de Smith, Ricardo considerou em seu **modelo econômico** que Portugal era mais eficiente na produção de ambos os bens.

Ao assumir esse pressuposto, Ricardo admitiu que, pela teoria das vantagens absolutas, a Inglaterra jamais teria vantagem ao realizar comércio com Portugal, por ser menos eficiente na produção dos dois bens.

Nessa situação, conforme Adam Smith, o comércio internacional seria vantajoso apenas para a Inglaterra, porque se Portugal se concentrasse na produção de vinhos teria de comprar tecidos a preços mais altos daqueles que era capaz de produzir em sua economia doméstica.

No entanto, segundo Ricardo, o comércio internacional seria vantajoso para os dois países porque, apesar de Portugal produzir ambas as mercadorias com menor número de horas-trabalho que a Inglaterra, esta possui vantagens relativas na produção de tecidos. Para verificar se um país detém vantagem relativa, seria preciso analisar os **custos de oportunidade** (quantidade de um bem que um país deixa de produzir quando produz outro) de produção de cada um dos bens entre os países.

Em resumo, Portugal é em relação à Inglaterra mais eficiente na produção de vinho, e a Inglaterra por sua vez, em relação a Portugal, mais eficiente na produção de tecido. Disso se conclui que, embora Portugal pudesse fabricar tecidos com o trabalho de 90 horas, deveria ainda assim importá-los de um país onde, para sua confecção, fosse necessário o emprego de 100 horas, porque lhe seria mais vantajoso aplicar seu capital na produção de vinho, pelo qual

¹⁹ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 35.

poderia obter mais tecido da Inglaterra do que se desviasse parte do seu capital do cultivo da uva para a manufatura daquele produto (tecido).²⁰

1.3 – Hecksher, Ohlin – Dotação relativa dos fatores

Somente no início do século XX, surgiu uma explicação razoável para as diferenças do custo de produção de uma mesma mercadoria produzida em diferentes países e para as razões do comércio. A origem da teoria é um artigo publicado em sueco por Eli Filip Hecksher, em 1919, e que só seria traduzido para o inglês em 1949. A divulgação de suas idéias começou a ocorrer após a tradução para o inglês na tese de doutorado de seu discípulo Bertil Ohlin, em 1933. Por essa razão, o modelo ficou conhecido como teorema de Hecksher-Ohlin.

Aqui, leva-se em conta dois fatores de produção: capital e trabalho.

Supõe-se dois países que:

- São iguais em tamanho geográfico;
- Têm os mesmos recursos naturais;
- Têm a mesma função de produção;
- Existe competição perfeita nos mercados dos produtos primários e nos de fatores (os fatores são alocados otimamente);
- Os custos de transporte não são impedimentos ao comércio;
- Os países divergem quanto à dotação de fatores de produção: um país terá mais capital e o outro mais mão-de-obra (trabalho);
- O país que tiver mais capital exportará bens intensivos em capital.
- O país que tiver mais mão-de-obra exportará bens intensivos em mão-de-obra.

²⁰ RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Nova Cultura, 1985, p. 105.

1.3.1 – Teorema de Hecksher e Ohlin

No modelo de Hecksher e Ohlin há dois fatores de produção: capital e trabalho. **Capital** é o conjunto de máquinas e equipamentos utilizados na produção de determinado bem, de propriedade de um industrial e capitalista, remunerado pelo lucro. O **trabalho** é de propriedade do trabalhador, cuja remuneração é o salário.²¹

Cada mercadoria possui determinada **relação capital/trabalho**, isto é, para cada unidade do produto é utilizada uma certa quantidade de trabalho e uma certa quantidade de capital que varia de produto para produto. Assim, a produção de *chips* é **capital-intensiva** e a fabricação de farinha de mandioca é **trabalho-intensiva**. É essa proporção de um fator de produção em relação a outro que dá o nome genérico ao modelo de Hecksher e Ohlin: **proporções de fatores**.

Da mesma forma que cada mercadoria possui uma razão capital/trabalho específica, Hecksher e Ohlin assumem realisticamente que os países possuem diferentes quantidades de fatores de produção capital e trabalho. Há países com maior dotação de capital e outros com maior dotação de trabalho. Os Estados Unidos são um país com abundância de capital. Já a China é um país com abundância de trabalho. Hecksher e Ohlin não respondem como os países chegaram a essas proporções de fatores produtivos.²²

Se no modelo ricardiano o comércio acontece por causa das diferenças de produtividade do trabalho entre os países, no modelo Hecksher-Ohlin o comércio internacional existe porque cada país possui diferentes dotações dos fatores de produção. Essa diferença na dotação dos fatores cria as vantagens relativas na produção de determinados bens, que, por sua vez, impulsionam os países ao comércio e à produtividade visando o bem-estar.

²¹ SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 42.

²² SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 35.

Em resumo, o teorema de Hecksher e Ohlin afirma que os países com abundância de capital vão exportar bens capital-intensivos e importar bens trabalho-intensivos e com abundância de trabalho vão exportar bens trabalho-intensivos e importar bens capital-intensivos.

CAP. 2 A ECONOMIA DA CHINA E O SEU COMÉRCIO COM O MUNDO

2.1 China – dados geoeconômicos e sociais *

Nome Oficial	República Popular da China
Capital	Beijing (Pequim)
Principais cidades	Shangai, Beijing, Tienjin, Shenyang, Wuhan, Guangzou
Forma de governo	Regime de partido único (Partido Comunista Chinês – PCCh) e um órgão supremo (Congresso Nacional do Povo)
Divisão administrativa	22 províncias, 5 regiões autônomas (inclui Tibet), 2 regiões administrativas especiais (Hong Kong e Macau) e 4 municipalidades.
Legislativo	Unicameral. O Congresso Nacional do Povo tem 2979 membros eleitos por voto indireto para mandato de 5 anos.
Área	9.596.960 Km ²
Clima	Extremamente diverso, tropical no sul a subártico no norte.
Densidade demográfica	133,97 hab/km ²
População	1,3 bilhão de habitantes
Idioma	Mandarim (principal e oficial), dialetos regionais (principais: min, vu, minbei, minnan, xiang, cantonês)
Moeda	yuan
PIB	US\$ 1,65 trilhão
Analfabetismo	10% aproximadamente

* 2004 - Fonte: The Economist, BID, MOFCOM (Ministério do Comércio da China)

É importante lembrar que a China é a mais antiga nação do mundo. Sua cultura, cada vez mais viva, só é menos antiga que as civilizações desaparecidas da Suméria e do Egito faraônico, cujas línguas e cultura só se conhece pela arqueologia. Antes que qualquer das atuais nações européias emergisse das ruínas do Império Romano, a China já havia definido seu atual território (salvo pela Mandchúria, Taiwan e Tibete, anexados pela dinastia Qing nos séculos XVII e XVIII). Era o maior e mais avançado país do mundo e, por duas vezes, chegou perto de dominá-lo.²³

Tal solidez e densidade histórica não têm comparação. Apesar de guerras civis não terem sido raras ao longo dos milênios da história chinesa, os laços que unem o país são antiquíssimos. É inviável pensar que a China se desintegrará como a União Soviética, mesmo que o atual regime desmorone.²⁴ A China cresceu no último trimestre de 2003 cerca de 9,9 %.

O custo de vida (segundo o Banco Mundial) é, porém, 21% do norte-americano e 56% do brasileiro. Levado isso em conta, a renda per capita salta dos atuais US\$ 1,1 mil para mais de US\$ 5 mil e o país é a segunda economia do mundo.²⁵

O peso do comércio mundial, as realizações científicas e tecnológicas, a produção de aço e cimento e a emissão de gás carbônico são compatíveis com um PIB de US\$ 6 trilhões. O consumo, a educação e a esperança de vida comparam-se aos países em desenvolvimento médio, não aos mais pobres.

Nesse ritmo, em 2020 a China terá ultrapassado o Brasil em renda per capita e os EUA em PIB real. Os desafios, porém, são terríveis. Não se sabe até quando o meio ambiente – não só o chinês, mas o global – suportará esse crescimento industrial acelerado.²⁶

²³ COSTA, Antonio Luiz M. C. *O Dragão já acordou*. Revista Carta Capital, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 36.

²⁴ COSTA, Antonio Luiz M. C. *O Dragão já acordou*. Revista Carta Capital, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 37.

²⁵ COSTA, Antonio Luiz M. C. *O Dragão já acordou*. Revista Carta Capital, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 39.

²⁶ SAFATLE, Amália. *O verde virou vermelho*. Revista Carta Capital, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 43.

2.2 A economia chinesa

A China possui cerca de 20% da população mundial, mas conta com apenas 7% das terras aráveis do mundo, tornando necessária uma alta produtividade por hectare arável. Apesar do intenso controle de natalidade, em que se permite apenas uma criança por casal (à exceção de algumas áreas rurais ou áreas habitadas por minorias étnicas), a população chinesa aproximou-se de 1,3 bilhão de pessoas em 2004. Sua população é, todavia, extremamente homogênea, com 91,65 pertencendo à etnia *han*, enquanto o percentual restante da população corresponde a 55 outros grupos étnicos.²⁷

Administrativamente, o país é dividido em 22 províncias, cinco regiões autônomas, quatro municipalidades, administradas pelo governo central, e duas regiões administrativas especiais (Hong Kong e Macau). As municipalidades têm os mesmos direitos políticos, econômicos e jurídicos que as províncias.

A CHINA PRODUZ (Maio/2005)	A CHINA CONSOME (Maio/2005)
Participação no total mundial	Participação no total mundial
75% dos brinquedos	51% da carne de porco
75% dos relógios	40% das motocicletas
55% dos calçados	40% do cimento
50% das câmaras digitais	33% do algodão
50% dos contêineres	32% dos televisores
42% dos monitores	31% do aço
35% dos celulares	30% do minério de ferro
33% dos ônibus	30% do ar-condicionado
30% dos microondas	24% das lavadoras
30% dos televisores	23% dos calçados de couro
27% do aço	22% das bicicletas
20% das geladeiras	20% do cobre
19% dos caminhões	20% dos celulares
17% dos têxteis	20% da carne de frango
14% dos carros e picapes	16% das geladeiras
13% dos navios	8% do petróleo

Fonte: Revista Exame, edição 842, ano 39, n. 9, de 11/maio/2005.

²⁷ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 7.

2.2.1 O desempenho do PIB e os indicadores de solvência

Em 2003, o Produto Interno Bruto (PIB) da China registrou alta de 9,1% representando a continuidade de um ciclo de expansão econômica que já dura duas décadas. A fórmula do sucesso tem como ingrediente principal a atração de investimentos estrangeiros diretos que, somente no ano de 2002, totalizaram US\$ 57 bilhões. O resultado deste “milagre econômico é uma participação cada vez maior do comércio internacional, tendo as importações da China alcançado US\$ 413 bilhões, em 2003.”²⁸

Tabela 1
A economia chinesa (2004)

PIB – Paridade Poder Aquisitivo ²⁹ – US\$ 6,4 trilhões – 2º do mundo	
PIB	US\$ 1,65 trilhões – 7º do mundo
PIB per Capita PPA	US\$ 4,920
PIB per Capita	US\$ 1,270
Crescimento PIB 2004 – 9.5%	
PIB por Setor:	
Agricultura	14%
Indústria	52%
Manufaturados	40%
Serviços	34%

Fonte: The Economist, BID, MOFCOM

²⁸ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 7.

²⁹ PPA (Paridade do Poder Aquisitivo) é uma teoria que propõe que a taxa de câmbio entre duas moedas se encontra em equilíbrio quando o poder de compra interno das moedas é equivalente ao da taxa de câmbio. Assim, por exemplo, se 1 libra inglesa equivale no câmbio a 4 reais, as duas moedas estariam em equilíbrio se 1 libra comprasse os mesmos bens na Inglaterra que os 4 reais no Brasil. No entanto, na prática essa teoria tem pouca validade, uma vez que as taxas de câmbio das moedas, que são determinadas pela oferta e demanda das moedas nos mercados externos de câmbio, estão relacionadas com outras variáveis, como desequilíbrio no balanço de pagamentos, transações de capital, especulação financeira e políticas governamentais.

A principal explicação para a sustentação das altas taxas de crescimento, sobretudo no período mais recente, é a manutenção do alto nível de investimento, com elevada participação de investimento direto estrangeiro (IDE). De fato, a China tem mantido taxas de investimento em capital fixo superiores a 34% do PIB desde 1984, tendo o auge ocorrido em 1993, com 43,5%, e hoje ficando em torno de 40%.³⁰

As despesas orçamentárias com investimento logo após a crise asiática praticamente dobraram e a participação nos investimentos das estatais sobre o investimento total, que era de 52% em 1997, passou para 54% em 1998, para então ser reduzida gradualmente até 43% em 2002. Embora em declarações recentes (2003-2004) o governo central venha anunciando sua preocupação com o “hiper-investimento da economia” (e tenha anunciado a intenção de diminuir os estímulos fiscais), os governos locais continuam a aumentar seus gastos.³¹

O investimento econômico também tem sido beneficiado pela alta e crescente contribuição do investimento direto estrangeiro. Desde o início da abertura (1978), o governo tem feito uma série de regulamentações a fim de permitir a formação de *joint ventures* nas chamadas “zonas econômicas especiais”. A partir de meados dos anos 90, o governo iniciou uma política de redução tarifária e suporte financeiro para atrair investimentos estrangeiros, ao mesmo tempo que atuava no sentido de melhorar as condições legais das firmas estrangeiras, incluindo a previsão de penalidades em caso de não-cumprimento dos contratos.

Para se ter uma idéia do crescimento do investimento direto estrangeiro, em 1991 ele representava US\$ 4,4 bilhões, tendo crescido mais do que dez vezes em uma década. Em 2003 a China recebeu US\$ 57 bilhões em fluxos de capital, sendo a quase totalidade em investimentos diretos estrangeiros. Até o final de 2004, havia cerca de 280 mil companhias estrangeiras na China. O investimento estrangeiro naquele País foi de US\$ 213,29 bilhões de bilhões. O investimento estrangeiro contratado no primeiro trimestre de 2005 foi de US\$ 35,22 bilhões, um aumento de 4,5%, em relação ao mesmo período do ano passado.

³⁰ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 9.

³¹ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 9.

Outro importante fator para explicar o crescimento da economia chinesa é a manutenção de elevada liquidez, que pode ser percebida através do aumento dos agregados monetários.

A estabilidade dos preços num cenário de alta liquidez deve ser atribuída, em parte, não só à própria característica rural da economia chinesa, mas também aos altos investimentos realizados.

Quanto à solvência externa da economia chinesa, os indicadores são bastante positivos. O país possui baixa relação dívida externa/exportações, bem como baixa relação dívida externa/PIB. Além disso, a China apresenta grande volume de reservas, que tem crescido devido à política do Banco Central de manter o câmbio fixo.

Os maiores problemas da economia chinesa costumam ser associados à saúde do sistema bancário do país. Embora tenham sido adotadas diversas medidas para melhorar as práticas bancárias, acredita-se que o sistema possua alta vulnerabilidade em função do elevado número de “créditos duvidosos”, embora não se saiba avaliar a magnitude desses créditos. De acordo com autoridades chinesas, 20% dos créditos nos bancos estatais podem ser considerados em atraso/liquidação, dos quais 5% a 6% dos créditos são não-recuperáveis.³²

2.2.2 A explosão das exportações chinesas

Um país aberto ao mundo, ansioso por importar e exportar mais, por atrair investimentos estrangeiros através de todos os mecanismos possíveis e ávido pelo intercâmbio e cooperação com o exterior em todos os níveis – esta é a China de hoje. De 1979 a 1989, a exportação mais do que triplicou em relação a todo o período 1950/78, e o crescimento continua; as severas medidas de ajuste econômico que a China decidiu adotar em março de 1988 favoreceram o processo, ao proporcionar um desenvolvimento estável e duradouro. Isto trouxe,

³² PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 9.

como efeito adicional, enorme afluxo de capital estrangeiro: desde 1979, os investimentos externos na China totalizam US\$ 333,76 bilhões, inclusive em projetos na área de exploração de petróleo.³³

Em 1989, as exportações chinesas atingiram US\$ 52,5 bilhões, com um aumento de 6,9% em relação ao ano anterior. De janeiro a maio de 1990, o total foi de US\$ 18,7 bilhões, 19,7% a mais que o mesmo período em 1989. As medidas de austeridade aliviaram as contradições entre a venda interna e a venda externa, deixando certa capacidade de produção para a exportação de produtos industrializados fabricados com materiais importados. Portanto, essas medidas favorecem o aumento das exportações, e a adoção de medidas de ajuste econômico permitiu um desenvolvimento estável e duradouro, criando bases sólidas para o crescimento das vendas externas.³⁴

Também em 1989, foram aprovados 5.779 projetos de investimento estrangeiro, num total de US\$ 5,6 bilhões, 5,7% a mais do que no ano anterior. Durante 11 anos, de 1979 a 1989, após a adoção da política de abertura, foram aprovados 21.781 projetos de investimento estrangeiro, totalizando US\$ 33,76 bilhões. O ajuste da economia, ao melhorar o ambiente macroeconômico, torna mais seguro e rentável o investimento estrangeiro.³⁵

As razões básicas dessa evolução no comércio exterior chinês são a estabilidade política, econômica e social; a política de reforma e abertura e de ampliação da cooperação econômica e comercial com o exterior; a produção industrial e agrícola estável e suficiente para a exportação; as medidas governamentais de incentivo à exportação; a contribuição das *joint ventures*; e a melhoria constante do ambiente interno de investimentos, que atrai mais capital estrangeiro. Vale ressaltar, ainda, a mão-de-obra abundante e barata.

³³ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 117.

³⁴ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 118.

³⁵ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 118.

Segundo dados oferecidos pela Administração Estatal de Alfândegas, até o dia 20 de novembro de 2004, o valor global do comércio exterior da China ultrapassou a meta de 295 bilhões de dólares americanos, com um aumento de 23% em comparação com o mesmo período do ano anterior. De acordo com os dados, o volume do comércio com a União Européia e os Estados Unidos aumentou em mais de 20%.

2.2.3 Direção do comércio exterior

Tabela 2

Maiores parceiros – China (2004)

Exportações	(US\$ Bi)	Importações	(US\$ Bi)
1º - EUA	125	1º - JAPÃO	94
2º - HONG KONG	101	2º - TAIWAN	65
3º - JAPÃO	74	3º - CORÉIA DO SUL	62
4º -CORÉIA DO SUL	28	4º - EUA	45
5º - ALEMANHA	24	5º - ALEMANHA	30
6º - HOLANDA	19	6º - MALASIA	18
29º- BRASIL	2,1	16º - BRASIL	4,5

Fonte: MOFCOM

A China, locomotiva da economia mundial, começa a dar sinais de desaceleração, segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC). Apesar do vigor de sua atividade econômica, o crescimento real das importações chinesas caiu consideravelmente, enquanto o das exportações manteve seu ritmo. Economistas da OMC prevêem que o ritmo do comércio mundial diminuirá neste ano, com o recuo da produção, globalmente afetada pelo aumento de 35% nos preços do petróleo. A entidade mantém, no entanto, sua previsão de que as exportações globais vão aumentar 6,5%, comparado aos 9% do ano passado, como já havia estimado em abril.

Para um dos principais economistas da OMC, Michael Finger, a grande surpresa é a China. Suas exportações cresceram 31% até setembro de 2005, comparado a 35% em todo o ano passado. Mas as importações, que tinham aumentado 36%, só cresceram 16% neste ano. Uma das razões para a queda das importações é o freio dado pelo governo sobre os investimentos, reduzindo as compras chinesas de produtos em torno do mundo. A China está produzindo cada vez mais o que seus consumidores necessitam.³⁶

O caso do aço é exemplar: de maior importador mundial, o país está se tornando exportador. Suas exportações aumentaram 95% este ano. Já as importações cresceram 13%, levando a uma queda de até 30% no preço internacional. A expectativa é de que os chineses aumentarão em 80 milhões de toneladas sua capacidade de produção de aço. O economista da OMC chama a atenção também para a enorme exportação de motores e outras peças. Ele diz acreditar que logo Pequim será um exportador líquido de automóveis, num ritmo impressionante.³⁷

As importações e exportações alcançaram em 2004 US\$ 1,1 trilhão, o que representou um aumento de 35,7% sobre o ano anterior. Assim, a balança comercial chinesa teve superávit de US\$ 32 bilhões, US\$ 6,5 bilhões a mais que 2003.

A produção de carvão também teve aumento de 15%, e foi uma das responsáveis pelo crescimento da produção energética chinesa, que fechou 2004 com aumento de 14,9%. Devido a sua grande demanda, a China ainda sofre com faltas de energia, problema que está sendo superado com maciços investimentos na infra-estrutura energética do país.

Ao mesmo tempo a China mantém o ritmo de crescimento das suas exportações. E confirma o seu papel como grande produtor global, e não apenas para produtos baratos. Multinacionais usam cada vez mais o país como plataforma de exportação de valor agregado, substituindo produção nos países vizinhos. Na medida que compra menos e continua vendendo muito, a expectativa é que a China será confrontada com cada vez mais disputas comerciais. Um relatório da OMC, publicado em outubro de 2005, mostra que a parte das

³⁶ Jornal Valor Econômico, 28.10.2005.

³⁷ Jornal Valor Econômico, 28,10,2005.

exportações ou importações da China, nas trocas com um bom número de países, incluindo o Brasil, dobrou nos últimos quatro anos.³⁸

O resultado é que sobretudo se percebe a necessidade de "ajustamentos" nos países que perdem fatias de mercado para os chineses. O relatório confirma desaceleração forte do comércio dentro da Ásia e das importações nos Estados Unidos no primeiro semestre. A forte alta do preço real do petróleo repercutiu sobre os gastos de consumidores e empresas. A entidade que regula o comércio internacional acha que o dinamismo da demanda por importados nas regiões exportadoras de petróleo não vai compensar o crescimento mais fraco das importações dos Estados Unidos, Europa e leste da Ásia. Um dos países que mais aumentou suas importações este ano foi a Índia, com cerca de 30%.³⁹

Segundo dados oferecidos pela autoridade alfandegária chinesa, nos primeiros 5 meses deste ano, o valor total das exportações e importações da China ultrapassou 520 bilhões de yuans, com aumento de 23% em comparação com o mesmo período do ano passado.

Segundo os dados, neste período, a UE, os Estados Unidos e o Japão foram os primeiros três parceiros comerciais da China.

2.3 O intercâmbio China-EUA

O comércio entre a China e os Estados Unidos manteve um forte ritmo de crescimento em 2004, e o país norte-americano continua sendo um dos três sócios comerciais mais importantes da China, com cooperação e disputas. A seguir os principais aspectos do comércio China-EUA:⁴⁰

³⁸ Diário Vermelho, 10.11.2005.

³⁹ Diário Vermelho, 10.11.2005.

⁴⁰ Agência Nova China, 21.12.2004.

- Estatuto de economia de mercado - A China foi catalogada como uma economia de mercado não plena quando entrou para a Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, apesar de ter estabelecido uma estrutura econômica orientada para o mercado, o que causou desvantagens para a China nos conflitos comerciais como os casos de antidumping. Na XV sessão da Comissão Mista China-Estados Unidos de Comércio em abril, ambas as nações concordaram em criar um grupo de trabalho dentro do marco da comissão, um mecanismo estabelecido em 1983, para tratar a condição de economia de mercado do país asiático.

- Produtos têxteis: o Ministério de Comércio da China advertiu que a parte norte-americana trata "cautelosamente" os casos sobre importações têxteis quando o governo norte-americano aceitou apelações industriais que poderiam levar a uma cota de importação sobre os produtos têxteis chineses, como fios, camisas e calças, em outubro. A China mantém que algumas organizações industriais requerem restrições sobre produtos têxteis chineses sobre a base de uma suposição, indicando que isto afetaria o livre comércio de produtos têxteis e estenderia a cota de importações de outra maneira.

- Déficit comercial: Os Estados Unidos reclamam de seu grande déficit comercial com a China este ano. Entretanto, a vice-premier chinesa Wu Yi, afirmou na XV sessão da Comissão Mista China-Estados Unidos de comércio que a chave do problema está na parte norte-americana. Wu Yi pediu para que os Estados Unidos ampliem as exportações, especialmente as de produtos de alta tecnologia com maior valor agregado, a China e não impôs restrições sobre as importações de seu país. Segundo os dados oficiais chineses, o comércio da China com Estados Unidos chegou a US\$152,7 bilhões nos primeiros 11 meses, um aumento de 34,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

Ao longo do tempo, a China realizaria seu potencial como grande potência mundial. Essa perspectiva preocupa os vizinhos da China e evoca uma variedade de respostas nos EUA. Uma delas é engajar-se com a China de modo a transformá-la em um parceiro político e de

negócios para os EUA a longo prazo. Outra resposta é confrontar a China, criando um ambiente maligno que abale seu desenvolvimento.⁴¹

Daí as recorrentes mudanças nas relações entre os EUA e a China nos esforços para assegurar um ambiente favorável para transformação da China, e a ameaça mútua de inverter a ordem das políticas preferidas pela liderança da China. Essas prioridades alinham-se em ordem de precedência: status, desenvolvimento, segurança, Taiwan. Em longo prazo, a China tanto acomoda a realidade da supremacia norte-americana como a ela resiste da melhor forma que pode. O que a China busca é a cooperação condicional com os EUA como único parceiro para países em toda a região. A China também tem muito a ganhar ao perseguir uma estratégia que contrabalance a primazia dos EUA por meio de relações mais íntimas com a Rússia e com a Índia.⁴²

2.4 China e Taiwan

Taiwan se separou da China no final da guerra civil chinesa em 1949, mas Pequim ainda vê a ilha como uma província rebelde. Taiwan é considerada uma província rebelde pela República Popular da China, que não só não reconhece a soberania da ilha como ameaça romper relações diplomáticas com qualquer país que a reconheça como país soberano.

Politicamente os dois países estão sempre em pé de guerra, mas o comércio China-Taiwan é de 40 bilhões de dólares ao ano”, exemplifica. “A tendência é a de que Formosa fique cada vez mais isolada politicamente e cada vez mais integrada economicamente com a Grande China, que inclui Hong Kong e Macau”.⁴³

As principais exportações de Taiwan para a RPC são representadas por máquinas e equipamentos; componentes eletrônicos; tecidos sintéticos e material plástico.

⁴¹ STORY, Jonathan. *China – a corrida para o mercado*. São Paulo: Futura, 2004, p. 66.

⁴² STORY, Jonathan. *China – a corrida para o mercado*. São Paulo: Futura, 2004, p. 66.

⁴³ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 148.

O continente embarcou para a Ilha US\$ 587 milhões em 2004, significando elevação de 22% sobre o período anterior. Basicamente essas exportações eram compostas por ervas e medicamentos; algodão e manufaturas; carvão; minerais não metálicos e peixes. Paralelamente ao comércio, também aumentou de forma acentuada os investimentos taiwaneses no continente, situando-se já entre os cinco países que mais investem na RPC.⁴⁴

2.5 Comércio exterior da China com o resto do mundo

As importações chinesas de países da América Latina cresceram cerca de 81% e de países da África 54%. A China é agora o terceiro maior importador mundial, depois dos Estados Unidos e da União Européia.

As exportações chinesas crescem continuamente, sendo 2003 o ano do grande salto. O acumulado entre 1995 e 2002 foi de US\$ 177 bilhões. Apenas em 2003, o incremento foi de US\$ 112 bilhões, 34,6% a mais que em 2002. Os primeiros meses 2004 mantiveram elevadas taxas de crescimento em relação ao ano anterior. Em janeiro houve incremento de 19,8% ao confrontar-se o mesmo período de 2003. Até abril de 2005, as exportações chinesas somavam 600 bilhões de dólares com um crescimento de 35% ao ano.⁴⁵

As exportações de máquinas, eletro e eletroeletrônicos cresceram a taxas maiores que a média de exportações, atingindo 48,8% de crescimento em 2003. Correspondem a 30% do total de exportações do país, somando US\$ 172,4 bilhões. Nos últimos nove anos, o crescimento das vendas externas destes produtos chegou a mais de 20%.

A China divulga seus produtos ao redor do mundo de forma progressiva e consome uma quantia crescente de produtos importados. As compras chinesas cresceram US\$ 132 bilhões entre 1995 e 2002. Somente em 2003 o incremento foi de US\$ 117,5 bilhões, 39,0% a mais que em 2002 e quase o valor dos oito anos anteriores a 2003. Esses resultados chamam a

⁴⁴ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 149.

⁴⁵ Revista Exame, edição 842, ano 39, n. 9, de 11/maio/2005, p. 20.

atenção para o potencial do mercado consumidor chinês, que, em janeiro de 2004, apresentou crescimento de 15% nas importações em comparação ao mesmo período de 2003.

As importações chinesas, a exemplo das exportações, se caracterizam por uma pauta composta por bens de alto valor agregado, com uso de tecnologia avançada. Entre os 10 principais produtos importados em 2003, sete são de alta tecnologia. As importações destes produtos cresceram, em média, 51% em relação a 2002.

Sobressaem-se também as importações de *commodities* como petróleo e soja. Em 2003 o petróleo em bruto foi o quinto produto do ranking, com crescimento de 55% em suas importações em relação a 2002. A soja em grãos teve crescimento extraordinário nos últimos anos. Em 2003 suas importações mantiveram crescimento elevado, em 118%, ocupando o 15º lugar entre os importados.

INDICADORES DO COMÉRCIO DA CHINA COM O MUNDO	
PRINCIPAIS INDICADORES	
Comércio total (1) (2)	1.135.500
Saldo da balança comercial (1)	30.700
Valor das exportações (1)	583.100
Variação das exportações	+33%
Valor da importações (1)	552.400
Variação das importações	+34%

(1) Em milhões de dólares – (2) Exportações + importações – Dados 2003/2004

Fonte: Revista Análise – Anuário do Comércio Exterior 2005/2006

Editora Análise Editorial e Comunicação Ltda

2.6 Política de Comércio Exterior

A China tem participado ativamente das atividades orientadoras do sistema multilateral de comércio, tentando recuperar o status de país signatário do GATT (Acordo Mundial de Tarifas e Comércio). Segundo Ying⁴⁶, a economia chinesa está cada vez mais estritamente relacionada com a economia mundial.

O volume total de comércio exterior da China crescerá possivelmente 15% este ano, até chegar a US\$1,3 trilhões, informou o Ministro Adjunto de Comércio, Fu Ziyang,.

O comércio exterior da China cresce em velocidade elevada, sendo que nos primeiros sete meses de 2004, as exportações atingiram US\$ 309 bilhões, um acréscimo de 35,3% com relação a igual período de 2003, ao mesmo tempo em que as importações alcançaram US\$ bilhões, um aumento de 41,2%.⁴⁷

Em 2005 haverá um desenvolvimento econômico relativamente rápido em todo o mundo, apesar da taxa de crescimento global ter caído 5% há um ano para os atuais 4,3%, de acordo com o Fundo Monetário Internacional. Isto fará com que a China conte com um espaço ainda maior para seu comércio exterior, expressou Fu a Xinhua na 97ª Feira de Mercadorias de Exportações que é realizada estes dias em Guangzhou, cidade meridional chinesa.

Em informe sobre as diretrizes de sua pasta, o Ministro das Relações Econômicas e Comerciais com o Exterior, Zheng Tuobin, enumerou os principais estímulos que caracterizam a prioridade oferecida à produção para o mercado externo:

- a) isenção de impostos de exportação;
- b) isenção de impostos de importação para as matérias-primas e componentes destinados a produtos exportáveis;
- c) empréstimos preferenciais para empresas que produzem para o exterior.

⁴⁶ YING, Li Tie. *Mercado dinamiza economia chinesa*. São Paulo: Braudel Papers, edição n. 11, 1995, p. 25.

⁴⁷ *Panorama da Economia Internacional – Balança Comercial e Balança de Pagamentos do Brasil*. Boletim de Análise Econômica da Unibrasil: Curitiba, n. 2, nov./2004

Ao assinalar a preferência dada aos investimentos externos voltados para a exportação, salientou que as empresas mistas formadas estão aproveitando os canais dos sócios estrangeiros para ampliar as vendas no mercado internacional. Inclusive estão sendo criadas até filiais no exterior para melhor concretizar essa penetração.

A China, por todos os meios disponíveis, procura assimilar a tecnologia estrangeira com o propósito de substituir o mais rápido possível, por artigos de fabricação nacional, o considerável contingente de peças e equipamentos ainda importados.⁴⁸

2.7 A China Pós-OMC

A acessão da República Popular da China à Organização Mundial do Comércio – OMC, havida em 11 de dezembro de 2001, culminado com 15 anos de árduas negociações, nas quais fez um grande número de concessões aos seus parceiros comerciais, representa um divisor de águas no comércio multilateral. A China tornou-se o 143º membro da OMC, mas seu peso econômico e populacional no concerto das nações justificam a enorme relevância do fato. Sob a perspectiva dos países em desenvolvimento, a acessão da China à OMC representa um reforço nas tentativas de aumento da juridicidade do sistema multilateral de comércio, de tal forma que as arbitrariedades, as ilegalidades, as injustiças e o exercício arbitrário das próprias razões pelas principais potências econômicas, notadamente pelos Estados Unidos da América, sejam eliminadas.⁴⁹

Alguns dos compromissos assumidos pela China incluem a redução de suas tarifas industriais de uma média de 24,6% para uma de 9,4%. Barreiras não tarifárias serão removidas. Quotas e licenças de importação serão eliminadas gradualmente num período de cinco anos. Como decorrência da prevalência da cláusula de não discriminação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT 1947), os direitos de empresas estrangeiras de importar, exportar e

⁴⁸ OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002, p. 124.

⁴⁹ GOYOS JR, Durval de Noronha; MCNAUGHTON, John Ferencz; XIAOFANG, Winnie Pang. *A China Pós-OMC: Direito e Comércio*. São Paulo: Observador Legal, 2002, p. 11.

distribuir, na China, serão afirmados dentro dos modelos da OMC, dentro do prazo de três anos. As companhias estatais chinesas estarão sujeitas às regras multilaterais aplicáveis a todos os estados membros do sistema multilateral de comércio.⁵⁰

Da mesma forma, a acessão da China à OMC implica na aceitação dos termos de todos os chamados Tratados de Marraqueche, que compreendem áreas como investimentos, propriedade intelectual, têxteis, agricultura, regras de origem, normas sanitárias e fito-sanitárias, subsídios, serviços, valoração alfandegária e resolução de disputas. Como decorrência dos efeitos da acessão, o Banco Mundial estimou que a participação da China no comércio mundial vai triplicar até o ano 2005, quando atingirá a importante marca de 10% do volume global de trocas de mercadorias.⁵¹

Com o acesso da China à OMC, tanto o setor agrícola como o industrial serão beneficiados. O industrial, pela redução das tarifas em aproximadamente dois terços e o agrícola por trazer largos benefícios para empresas produtoras e exportadoras.

⁵⁰ GOYOS JR, Durval de Noronha; MCNAUGHTON, John Ferencz; XIAOFANG, Winnie Pang. *A China Pós-OMC: Direito e Comércio*. São Paulo: Observador Legal, 2002, p. 11.

⁵¹ GOYOS JR, Durval de Noronha; MCNAUGHTON, John Ferencz; XIAOFANG, Winnie Pang. *A China Pós-OMC: Direito e Comércio*. São Paulo: Observador Legal, 2002, p. 12.

CAP. 3 INTERCÂMBIO COMERCIAL E ECONÔMICO DO BRASIL COM A CHINA

3.1 Características do Comércio Brasil-China

O interesse do Brasil pela China é um fato bem recente. Somente a partir de 2001, verifica-se uma intensificação significativa do comércio entre os dois países. Desde esse ano, no entanto, o crescimento da importância da China para o Brasil tem sido surpreendente. De 1999 a 2003, as exportações brasileiras para esse país aumentaram a uma taxa média de 61% ao ano (570% no período), pulando de apenas US\$ 676 milhões para US\$ 4,5 bilhões. Em 2003, esse desempenho foi ainda melhor, com aumento de 78% nas vendas em relação ao não anterior.⁵² As importações, por outro lado, aumentaram a taxas mais modestas, como mostra o gráfico a seguir. Como resultado, o saldo comercial brasileiro com a China saiu de um déficit em torno de US\$ 2,4 bilhões em 2003 (9,6% do saldo total).⁵³



⁵² Esse crescimento ficou abaixo do aumento das vendas para a Argentina. Nesse caso, contudo, o desempenho foi favorecido pela baixa base de comparação. Em 2002, as exportações para a Argentina caíram 53% em relação ao ano anterior, em função da crise econômica nesse país.

⁵³ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 23.

O bom desempenho das vendas para a China fez com que, em 2003, esse país passasse a ser o terceiro maior mercado consumidor das exportações brasileiras. O valor das vendas ficou bem próximo ao obtido no comércio com a Argentina. Cada um dos países respondeu por 6,2% das exportações brasileiras no ano.

Apesar desse forte crescimento das exportações brasileiras para a China, o Brasil continua tendo uma participação bastante reduzida no total das importações chinesas. Somente em 2003, o país conseguiu superar o percentual de participação nas importações chinesas registrado em 1995. Naquele ano, o Brasil respondeu por apenas 1,1% das importações chinesas, um pouco acima de 0,9% de participação registrado em 1995.⁵⁴

Em termos setoriais, as exportações do Brasil para a China são fortemente concentradas em poucos setores intensivos em recursos naturais: soja e seus principais derivados (complexo soja), minério de ferro e produtos siderúrgicos. Tais segmentos responderam por 68% das vendas brasileiras para o país em 2003.

A China foi o principal mercado para as exportações brasileiras de soja, respondendo por 31% do total, seguida pela Holanda (18%) e Alemanha (12%). No caso do óleo de soja, o percentual de vendas para a China (22%) ficou abaixo apenas da participação do Irã (38%). O país foi também o principal destino das vendas de minério de ferro (22%), superando o Japão (13%) e a Alemanha (11%).⁵⁵

Em contraste com as exportações, as importações brasileiras de produtos chineses são concentradas nos segmentos de média e alta tecnologia. Cabe ressaltar as compras nos segmentos de produtos eletrônicos e de comunicações e químicas, que responderam por 39% das importações provenientes da China em 2003. Em seguida, destacam-se as aquisições de carvão mineral, com uma participação de 14% nas importações.

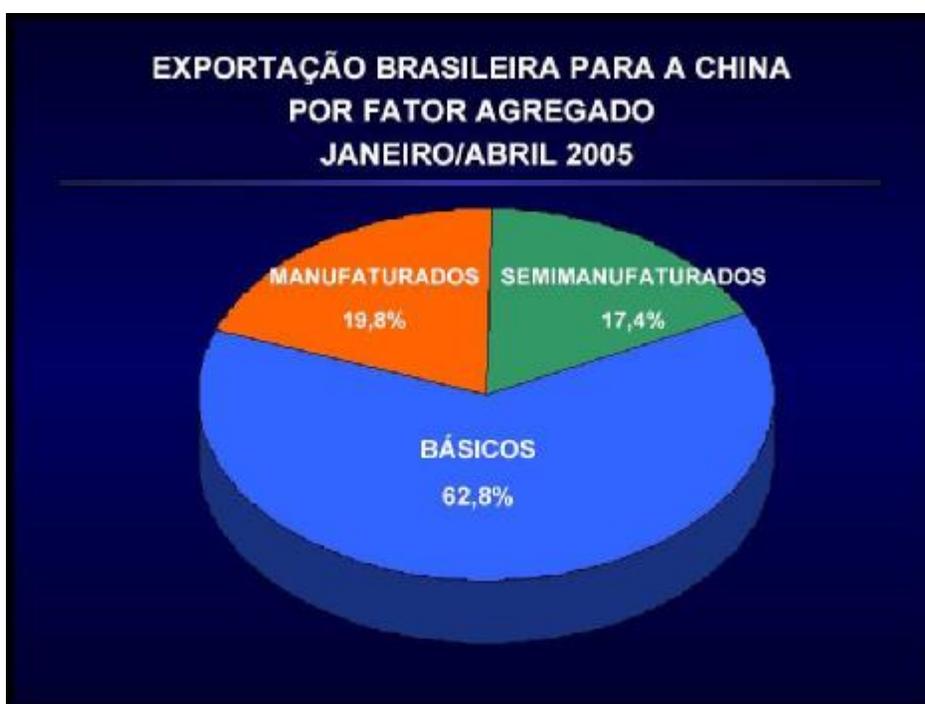
O forte peso do segmento de produtos eletrônicos e de comunicações pode ser explicado, principalmente, pela estratégia global de especialização vertical da produção por parte das multinacionais do setor, que têm optado por desenvolver parte de seus produtos em filiais

⁵⁴ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 24.

⁵⁵ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 24.

localizadas em países onde o custo de produção é mais reduzido. No caso brasileiro, várias empresas têm desenvolvido determinadas etapas de seu processo produtivo na China, em função das vantagens oferecidas pelo país em termos de custo de mão-de-obra, sendo depois os produtos enviados para as filiais brasileiras, que fazem a montagem do produto para a venda no mercado doméstico ou para exportação.⁵⁶

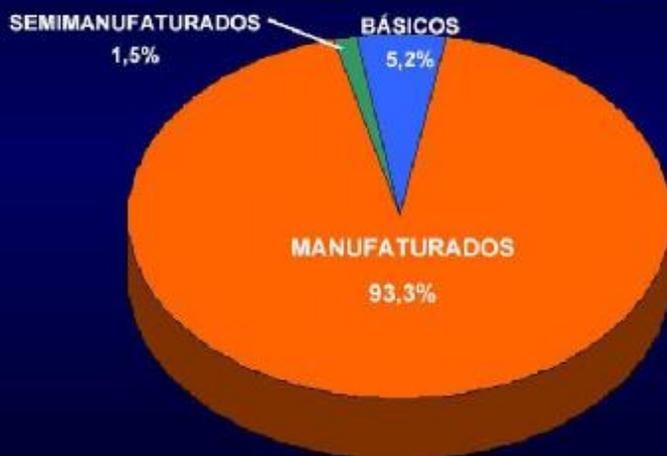
3.2 Comércio brasileiro para a China por fator agregado



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

⁵⁶ PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia B.; FERREIRA, Francisco M. R.; NASCIMENTO, Marcelo M. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: abril – 2004, p. 26.

**IMPORTAÇÃO BRASILEIRA DA CHINA
POR FATOR AGREGADO
JANEIRO/ABRIL 2005**



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior

3.3 Intercâmbio comercial bilateral: evolução do comércio sino-brasileiro

INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASIL/CHINA						
	Exportação	Part. (*)	Importação	Part.	Saldo	Corrente de
	(US\$ F.O.B.)	(%)	(US\$ F.O.B.)	(%)		Comércio
1995	1.203.750	2,59	1.041.728.048	2,08	162.022.480	2.245.478.576
1996	1.113.828.697	2,33	1.132.883.363	2,12	- 19.054.666	2.246.712.060
1997	1.088.213.686	2,05	1.166.420.980	1,95	- 78.207.294	2.254.634.666
1998	904.879.640	1,77	1.033.806.095	1,79	- 128.926.455	1.938.685.735
1999	676.140.777	1,41	865.159.591	1,76	- 189.018.814	1.541.300.368
2000	1.085.223.878	1,97	1.222.144.368	2,19	- 136.920.490	2.307.368.246
2001	1.902.093.617	3,27	1.328.415.610	2,39	573.678.007	3.230.509.227
2002	2.520.457.098	4,18	1.554.012.240	3,29	966.444.858	4.074.469.338
2003	4.532.559.799	6,20	2.147.441.734	4,45	2.385.118.065	6.680.001.533
2004	5.439.956.312	5,65	3.710.482.068	5,91	1.729.474.244	9.150.438.380
2005(**)	5.377.165.846	5,57	4.347.480.166	7,21	1.029.685.680	9.724.646.012

Fonte: SECEX

(*) Participação no total geral do Brasil

(**) Janeiro/Outubro

A partir de 1974, quando foram formalizadas as relações diplomáticas entre os dois países, o comércio bilateral foi se desenvolvendo de forma positiva, embora modestamente em relação ao grande potencial dos respectivos mercados; os contatos comerciais entre o Brasil e a China não aumentaram de forma constante ao longo desses trinta anos.⁵⁷

⁵⁷ *Como Exportar – República Popular da China*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2004, p.49.

O comércio entre os dois países atingiu seu primeiro pico recorde em 1985, quando totalizou US\$ 1,41 bilhão, respondendo por 55% do comércio total entre a China e a América Latina. No período de 1990 a 1991, as transações comerciais declinaram de forma acentuada. No entanto, a partir de 1993, o comércio bilateral voltou a crescer, aumentando 80,6% em relação ao ano anterior e atingindo o valor total de US\$ 1,06 bilhão. O comércio bilateral continuou a crescer até 1997, quando atingiu um novo recorde histórico: US\$ 2,5 bilhões.⁵⁸

A partir de 1988, o comércio bilateral voltou a diminuir, embora o Brasil ainda continuasse sendo o principal parceiro comercial da China na América Latina. Desde o final de 1999, porém, o comércio vem crescendo de forma consistente e inédita. Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as exportações brasileiras para a China, em 2003, alcançaram US\$ 4,5 bilhões, enquanto que as importações naquele mesmo ano somaram US\$ 2,1 bilhões. A China, que em 2002 ocupava a 4ª posição entre os principais países de destino das exportações brasileiras, passou, em 2003, a ocupar a 3ª posição, atrás dos Estados Unidos e Argentina, consolidando sua importância atual para o comércio exterior brasileiro.

Com o ingresso da China na OMC, o mercado chinês abrirá continuamente novas janelas de oportunidades para os exportadores brasileiros, incluindo desde *commodities* até produtos de alta tecnologia, tais como aviões a jato regionais.

3.4 Composição do intercâmbio bilateral

A pauta de exportações brasileiras para a China é concentrada em alguns poucos produtos. Apenas três grupos de produto são responsáveis por cerca de 63% do total das vendas do Brasil para a China. Os principais grupos de produtos são: “sementes e furtos oleaginosos, grãos” (29,0%); “minérios, escórias e cinzas” (17,1%) e “ferro fundido, ferro e aço” (16,6%). As exportações de soja triturada se destacaram, tendo em vista que os maiores

⁵⁸ *Como Exportar – República Popular da China*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2004, p.49.

exportadores mundiais do produto, os Estados Unidos, não tinham excedentes que pudessem atender à demanda crescente do mercado chinês. Outro destaque são as exportações de aço, que foram ajudadas pelo aquecimento do ramo de construção civil no país, além da competitividade da indústria siderúrgica brasileira.⁵⁹ Apesar das exportações brasileiras terem aumentado significativamente nos últimos dois anos, a pauta ainda é composta de produtos com baixo valor agregado.

Com relação às importações, os destaques ficam com os grupos “máquinas, aparelhos e material elétricos” (33,0%); “combustíveis, óleos e ceras minerais” (14,4%); “produtos químicos orgânicos” (10,1%) e “caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos” (10,0%).

⁵⁹ *Como Exportar – República Popular da China*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2004, p.50.

**EXPORTAÇÃO BRASILEIRA PARA CHINA
PRINCIPAIS PRODUTOS**

DESCRIÇÃO	2005 (Jan/Out)		2004 (Jan/Out)	
	VALOR (US\$ F.O.B)	PART. (%)	VALOR (US\$ F.O.B)	PART. (%)
Total Geral	5.377.165.846	100,00	4.738.548.149	100,00
Grãos de soja, mesmo triturados	1.577.882.753	29,34	1.619.628.679	34,18
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	971.717.711	18,07	617.960.031	13,04
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	367.724.833	6,84	263.104.458	5,55
Óleos brutos de petróleo	358.072.344	6,66	178.338.442	3,76
Pasta química de madeira	157.010.613	2,92	207.519.971	4,38
Laminados de ferro e aço, a frio, em rolos	129.742.116	2,41	49.961.065	1,05
Óleo de soja bruto, mesmo degomado	119.255.887	2,22	399.117.677	8,42
Outras madeiras serradas/cortadas em folhas	81.878.141	1,52	68.378.413	1,44
Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	68.726.708	1,28	25.442.512	0,54
Ferroniobio	64.665.524	1,20	17.639.232	0,37
Fumo	49.145.538	0,91	32.693.430	0,69
Couros e peles bovinos secos	49.136.246	0,91	39.322.631	0,83
Máquinas e ferramentas para estampar metais, com comando numérico	48.413.663	0,90	---	---
Alumina calcinada	39.343.579	0,73	54.351.779	1,15
Outros couros bovinos, incluindo búfalos	35.378.491	0,66	24.050.083	0,51
Granito cortado em blocos ou placas	35.361.340	0,66	18.197.612	0,38
Sulfetos de minérios de cobre	29.651.108	0,55	8.682.107	0,18
Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço	29.594.613	0,55	81.000.774	1,71
Outras pastas químicas de madeira para dissolução	29.272.103	0,54	12.300.603	0,26
Bombas injetoras de combustível para motor a diesel	28.309.436	0,53	17.352.630	0,37
Polietileno linear em forma primária	26.615.937	0,49	3.678.703	0,08
Suco de laranja congelado, não fermentado	26.588.113	0,49	26.638.753	0,56
Outros couros bovinos divididos pela umidade	26.459.580	0,49	33.950.692	0,72
Laminado de ferro/aço estanhado	26.263.817	0,49	14.474.138	0,31
Algodão simplesmente debulhado, não cordado nem penteado	25.832.666	0,48	10.644.755	0,22

Fonte:SECEX

**IMPORTAÇÃO BRASILEIRA DA CHINA
PRINCIPAIS PRODUTOS**

DESCRIÇÃO	2005 (Jan/Out)		2004 (Jan/Out)	
	VALOR (US\$ F.O.B)	PART. (%)	VALOR (US\$ F.O.B)	PART. (%)
Total Geral	4.347.480.166	100,00	2.985.923.497	100,00
Partes para aparelhos transmissores/receptores	303.084.959	6,97	121.733.476	4,08
Dispositivos de cristal líquido	227.646.127	5,24	133.640.695	4,48
Coques de hulha, de linhita ou de turfa	148.928.037	3,43	309.527.040	10,37
Aparelhos videofônicos de gravação/reprodução	94.385.072	2,17	31.609.828	1,06
Terminais portáteis de telefonia celular	88.940.166	2,05	22.129.726	0,74
Outras partes para aparelhos receptores, televisão, etc	77.658.841	1,79	84.995.408	2,85
Circuito impresso	56.422.005	1,30	33.168.970	1,11
Acumuladores elétricos	56.025.130	1,29	41.531.478	1,39
Tecido de poliéster, tintos, sem borracha	54.538.479	1,25	56.411.567	1,89
Mecanismos toca-discos, mesmo com cambiador para aparelhos de reprodução	49.875.403	1,15	32.858.000	1,10
Outros circuitos integrados montados	42.393.682	0,98	24.475.602	0,82
Placas-mae montadas para máquinas de processamento de dados	36.946.720	0,85	21.410.855	0,72
Outros aparelhos receptores combinados com aparelhos de som, elétricos ou pilha	31.220.455	0,72	38.298.339	1,28
Outras memórias montadas	31.107.515	0,72	18.183.276	0,61
Tecido de poliéster não texturizado	30.799.511	0,71	34.201.863	1,15
Outras partes e acessórios para aparelhos de gravação/reprodução	28.865.380	0,66	24.608.280	0,82
Circuito impresso montado para telefonia	27.669.372	0,64	5.726.271	0,19
Alto-falantes	27.660.555	0,64	25.899.052	0,87
Câmeras de vídeo	27.386.398	0,63	13.227.006	0,44
Lâmpadas/tubos de descarga fluorescente	26.508.781	0,61	30.338.743	1,02
Conversores elétricos estáticos	26.206.211	0,60	11.162.640	0,37
Gabinete para máquinas automáticas de processamento de dados	25.140.293	0,58	18.226.710	0,61
Microcontroladores montados	24.824.679	0,57	27.555.313	0,92
Pneus novos para ônibus ou caminhões	24.639.480	0,57	3.631.586	0,12
Calçados para esportes com sola de borracha/plástico	24.195.123	0,56	13.256.193	0,44

Fonte: SECEX

3.5 Panorama comercial

O comércio entre o Brasil e a China está passando por uma transformação que preocupa alguns analistas e intriga muitos estudiosos. Por muitos anos, os chineses vendiam aos brasileiros produtos eletrônicos e produtos de consumo que abasteciam os camelôs e o comércio popular. Em razão dessa característica, os brasileiros conseguiram manter um saldo amplamente favorável, despachando grandes quantidades de commodities – artigos vitais para uma economia em expansão acelerada como a chinesa.⁶⁰

No entanto, a indústria chinesa se reformulou e também começou a produzir artigos tecnológicos, que são mais caros e dos quais o Brasil é extremamente dependente. Agora, resta saber até quando o Brasil conseguirá manter uma balança superavitária e uma posição vantajosa diante dos avanços chineses.⁶¹

Apesar de os valores serem expressivos para o Brasil em termos de volume, apenas 1% das importações dos chineses tem origem no país. Os economistas entendem que há um grande espaço para a expansão dos negócios.

3.5.1 Principais barreiras

- Poucas empresas brasileiras têm capacidade para atender à demanda da China.
- Os chineses continuam a limitar a presença de companhias estrangeiras mediante restrições geográficas, regulamentos e sistemas de licenciamento discriminatórios. Alguns exemplos: as empresas não podem fazer publicidade nem atuar no ramo de arquitetura, consultoria em Tecnologia da Informação (TI), varejo e atacado.

⁶⁰ Análise – Anuário de Comercio Exterior 2005/2006, p. 128.

⁶¹ Análise – Anuário de Comercio Exterior 2005/2006, p. 128.

- A China é campeã mundial de processos por dumping. Além disso, o país enfrenta uma série de acusações referentes a quebra de patentes e práticas concorrenciais desleais.

3.5.2 Oportunidades de negócios

- A China precisa de investimentos na área de geração de energia para sustentar suas elevadas taxas de crescimento econômico. Também é um dos maiores consumidores do mundo de cimento, aço e grãos.
- Algumas cidades chinesas estão entre as mais poluídas do mundo. A assinatura do Protocolo de Kyoto faz com que o governo chinês busque novas fontes de energia menos poluentes. O etanol brasileiro é uma opção cogitada.
- De modo geral, o Brasil ainda fornece muito pouco para a China. Por exemplo, embora os chineses consumam um terço do algodão mundial, o Brasil exporta para a China apenas 5% de sua produção.

3.5.3 Principais acordos bilaterais

- Comunicado Conjunto sobre o Estabelecimento das Relações Diplomáticas entre o Brasil e a China (1974).
- Acordo de Comércio (1978).
- Convênio de Transporte Marítimo (1979).
- Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica (1984).
- Ajuste Complementar ao Acordo de Cooperação Científica e Tecnológico (1984).
- Protocolo Adicional ao Acordo de Comércio (1984).
- Acordo sobre a Cooperação Econômico-científica (1990).
- Acordo para evitar a Bi-tributação e Prevenção da Sonegação (1991).

3.6 O futuro da China

Projeções do Governo Brasileiro:

- Meta de 35 US\$ bilhões em corrente comercial até 2010;
- 100.000 turistas chineses ao ano visitando o Brasil até 2007.

Projeções do BID para a China de 2004-2007:

- Taxa média de crescimento do PIB 7.7%.
- Média de aumento do PIB/Capita de 7.0%.
- Exportações de bens e serviços crescendo 12% ao ano.

Projeções Golman Sachs

China:

2009 – Torna-se o 3º maior PIB, passando a Alemanha.

2040 – Maior economia do planeta com PIB de US\$ 28 trilhões.

Brasil:

2005 a 2015 – Média anual de crescimento de 4,1%.

2036 – Ultrapassará o PIB da Alemanha e Inglaterra sendo a 6ª economia do mundo.

3.7 A visita do Presidente Lula à China

Na tentativa de expandir o comércio e consolidar um novo eixo político e econômico mundial, o Presidente Lula levou mais de 400 empresários à China em maio de 2004. O Brasil está de olho no potencial de consumo do país mais populoso do mundo. Um dos temas mais importantes na bagagem presidencial foi a oportunidade que o governo brasileiro vê de

juntar forças com os gigantes das economias em desenvolvimento – grupo do qual a Índia faz parte.⁶²

A China não esconde o interesse de costurar outros acordos bilaterais e depender menos dos Estados Unidos. Sabe-se, porém, que não poderá desagradar ao único país com o qual tem a balança comercial superavitária. Para o Brasil, apesar dos esforços diplomáticos, aproximar-se da China não será uma tarefa tão simples. As diferenças entre os dois são grandes. A economia que mais cresce no mundo tem uma distribuição de renda ainda pior que a brasileira.⁶³

O comércio é o que está mais claro na relação entre os dois países. Hoje a China é o terceiro maior importador de produtos brasileiros, atrás dos Estados Unidos e encostado na Argentina. Em 2003, a balança comercial entre os dois países foi superavitária para o Brasil em US\$ 2,4 bilhões.

Algumas empresas brasileiras como a Bunge, a Embraco, a Embraer e a Marcopolo – essas três últimas com unidades de produção na China – falaram em exportações de muitos milhões de dólares. Outras estão apenas começando a estabelecer relações comerciais. É o caso da Del Valle. O mercado financeiro também quer tirar um naco do potencial de crescimento do país.⁶⁴

Outro setor que faz as contas sobre a expansão da economia da China é o café. O país tem um consumo per capita muito baixo da bebida. As 250 mil sacas anuais equivalem a uma semana de consumo no Brasil. Duas multinacionais, Kraft e Nestlé, instalaram fábricas de café solúvel na China, mas têm aproveitado o país como base de exportação para a Ásia.

⁶² PACHECO, Paula. *Além da muralha*. Revista Carta Capital, ano X, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 29.

⁶³ PACHECO, Paula. *Além da muralha*. Revista Carta Capital, ano X, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 29.

⁶⁴ PACHECO, Paula. *Além da muralha*. Revista Carta Capital, ano X, n. 292, 26 de maio de 2004, p. 31.

Na viagem de Lula à China, o clima entre os empresários era de grande otimismo. O que se leu no discurso do corpo diplomático chinês, no entanto, é que a intenção com o Brasil não significará necessariamente um rompimento das relações comerciais com os Estados Unidos.

CONCLUSÃO

A China tem se configurado, nos últimos anos, em uma das maiores e mais dinâmicas economias do mundo. As razões e as conseqüências desse desempenho têm sido objeto de preocupações e de inúmeros estudos sobre as características desse processo de crescimento, bem como sobre o fôlego da expansão chinesa. Quaisquer que sejam as conclusões a que chegue esse debate, o fato é que a China já representa um mercado muito importante para as exportações mundiais e que o acesso a esse mercado pode significar incrementos substanciais nas exportações de vários países, inclusive o Brasil.⁶⁵

A crescente presença da China no comércio internacional tem gerado mudanças expressivas em alguns mercados, influenciando preços tanto quanto oferta quanto quando compra. Além disso, a entrada do país na OMC, cuja adesão foi oficializada em 11 de dezembro de 2001 e efetivada em 1º de janeiro de 2002, teve forte influência nas negociações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.⁶⁶

No entanto, apesar de todos esses dados positivos, a China ainda é um país em desenvolvimento, com todos os problemas decorrentes disso. O volume global da economia chinesa é relativamente grande, mas o índice per capita ainda é muito baixo. Segundo o critério de paridade do poder aquisitivo mundial, adotado pelo Banco Mundial e pelo FMI, a China manterá, por um período ainda relativamente longo, as características de país em desenvolvimento. Cerca de 800 milhões de chineses vivem no campo e 70 milhões deles ainda não se livraram da pobreza. Os recursos são escassos e os mecanismos da nova economia de

⁶⁵ DE NEGRI, Fernanda. *O perfil dos exportadores industriais brasileiros para a China*. Brasília: IPEA, maio de 2005, p. 7.

⁶⁶ PUGA, Fernando Pimentel. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: BNDES, n. 104, abr./2004.

mercado ainda precisam ser aperfeiçoados. Perduram sérios problemas na economia agrícola, que é a base da economia chinesa. Perdura também a baixa eficácia das empresas estatais. Para resolver esse problema, o fundamental consiste em aprofundar as reformas e promover o desenvolvimento.⁶⁷

Quanto à participação do Brasil no processo de abertura da economia chinesa, em 1994 os dois países entraram numa nova fase de desenvolvimento de seu intercâmbio econômico, comercial e tecnológico, tendo as exportações e importações Brasil-China superado a casa de 1,4 bilhões de dólares, o que representou 34,6% a mais do que em 1993 e um terço do intercâmbio da China com a América Latina. A China vê o Brasil como um grande parceiro estratégico para o século XXI prevendo que o intercâmbio comercial entre os dois países poderá decuplicar até o final deste século, passando de 0,6% para 4% do conjunto do comércio exterior da China.

Até o final da década de 90, as exportações brasileiras para a China mal ultrapassavam a marca de 1 bilhão de dólares anuais. O mercado chinês era apenas o 15º em importância. Nos últimos cinco anos, as vendas dispararam à razão de 1 bilhão de dólares ao ano. Com compras no valor de 5,4 bilhões de dólares, a China virou o terceiro maior mercado para as exportações brasileiras – atrás apenas de Estados Unidos e Argentina.

Pode-se analisar que o volume de exportações do Brasil para a China cresceu 8,62% proporcional ao mesmo período no ano de 2004 e que as importações da China já obtiveram aumento significativo de 47,78% mesmo a estatística só contemplando os meses de janeiro a setembro de 2005.

Para o embaixador chinês no Brasil, Jiang Yuande, a China pode muito bem ocupar lugar de maior destaque no cenário de exportações do Brasil deixando de ser o terceiro maior importador de produtos brasileiros, atrás de Estados Unidos e Argentina em um prazo muito curto e atingindo a primeira colocação em longo prazo. Ainda, segundo ele, o comércio entre os dois países pode ser muito proveitoso para ambos, mas para isso o Brasil tem que ser mais agressivo para conquistar o mercado e precisa ainda, ter um espírito de conciliação, para criar um ambiente favorável aos chineses.

⁶⁷ YING, Li Tie. *Mercado dinamiza economia chinesa*. São Paulo: Braudel Papers, edição n. 11, 1995.

Atualmente, as empresas brasileiras respondem por menos de 1% das compras totais dos chineses. Mas, o Brasil tem boas chances de aproveitar o crescimento chinês. Talvez por isso o presidente Lula procure manter relações o mais cordiais possíveis com Pequim, pois, segundo ele, “a China é um parceiro importante, temos condições de conversar com eles, fazer ajustes que têm que ser feitos”.

Não há dúvida de que a China é um parceiro importante. Importantíssimo. Estima-se que, em 15 anos, os chineses superem o Japão em termos econômicos e se transformem na maior potência do mundo, à frente dos Estados Unidos, em 20 ou 30 anos. Para chegar lá, os chineses têm que lidar com o enorme desafio de alimentar sua população. Uma grande oportunidade para os produtores brasileiros de soja em grão, pois a China já é o maior comprador do produto. Para lá segue um terço dos 20 milhões de toneladas de soja que o Brasil venderá este ano. A tendência é o Brasil vender cada vez mais, pois os chineses não têm condições de expandir muito a produção interna.

Um olhar sobre as dificuldades enfrentadas pela China dá pistas sobre como os exportadores brasileiros podem aumentar suas chances. Uma delas diz respeito à falta de terra para ampliar a agricultura, em contraste com um consumo de alimentos que cresce à medida que a renda per capita melhora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE NEGRI, Fernanda. *O perfil dos exportadores industriais brasileiros para a China*. Brasília: IPEA, maio de 2005.

GALBRAITH, J. K. *O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1989.

GOYOS JR, Durval de Noronha; MCNAUGHTON, John Ferencz; XIAOFANG, Winnie Pang. *A China Pós-OMC: Direito e Comércio*. São Paulo: Observador Legal, 2002

GUIMARÃES, Edson P. *Evolução das teorias de comércio internacional*. Rio de Janeiro, Revista Estudos em Comércio Exterior, vol. 1, nº 2, jan./jun 1997.

NAPOLEONI, C. *Curso de economia política*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

OLIVEIRA, Carlos Tavares de. *O despertar da China (1980-2002) – crescimento acelerado*. São Paulo: Aduaneiras, 2 ed., 2002.

PACHECO, Paula. *Além da muralha*. Revista Carta Capital, ano X, n. 292, 26 de maio de 2004.

PUGA, Fernando Pimentel. *O comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento*. Rio de Janeiro: BNDES, n. 104, abr./2004.

RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Livro 1, parte 1ª. São Paulo: Global Editora, 2ª ed., 1985.

SILVA, César R. Leite da; CARVALHO, Maria Auxiliadora de. *Economia internacional*. São Paulo: Saraiva, 2002.

SOARES, Claudio César. *Introdução ao Comércio Exterior – fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004.

STORY, Jonathan. *China – a corrida para o mercado*. São Paulo: Futura, 2004.

YING, Li Tie. *Mercado dinamiza economia chinesa*. São Paulo: Braudel Papers, edição n. 11, 1995.

Site: www.ie.ufrj.br/ecex/pdfs/evolucao_das_teorias_de_comercio_internacional.pdf>acesso em 03.10.05.

Site: www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/ftaa/jornalalca.htm - 54k>acesso em 10.10.2005

Análise – Anuário de Comercio Exterior 2005/2006.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Secretaria de Comércio Exterior.

Revista Exame- Edição 842, ano 39, n. 9, de 11/maio/2005.

Site: www.braziltradenet.gov.br

ANEXO

COMUNICADO CONJUNTO BRASIL-CHINA

Por ocasião do 30º aniversário do estabelecimento das relações diplomática entre Brasil e China, a convite do Excelentíssimo Senhor Hu Jintao, Presidente da República Popular da China, o Excelentíssimo Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil, realiza visita de Estado à República Popular da China, de 22 a 27 de maio de 2004. Acompanham sete Ministros, seis Governadores, um Senador e dez Deputados, bem como missão empresarial composta por mais de 420 integrantes.

2 - Durante a visita, o Presidente Hu Jintao e o Presidente Lula mantiveram conversações em clima de grande entendimento e amizade, durante as quais os dois altos dirigentes efetuaram proveitoso intercâmbio de visões sobre as relações bilaterais, bem como sobre questões internacionais e regionais de interesse mútuo. Foram assinados na ocasião numerosos documentos com vistas ao fortalecimento da cooperação.

As duas partes coincidiram na avaliação de que a visita de Estado do Presidente Lula à República Popular da China vem alcançando resultados sumamente positivos, contribuindo para impulsionar ainda mais o contínuo desenvolvimento da parceria estratégica entre os dois países.

3 - As duas partes convieram em que, ao longo dos 30 anos, desde o estabelecimento das relações diplomáticas e, sobretudo, com o surgimento da Parceria Estratégica Sino-Brasileira na década de 90 do século passado, as relações entre os dois países têm-se desenvolvido de forma altamente satisfatória, apresentando significativos frutos em todas as áreas. Para maior adensamento dessa parceria, ambos os lados coincidiram em que as relações entre os dois países se orientem pelos seguintes quatro princípios:

- 1) fortalecimento da confiança política mútua, com base em um diálogo em pé de igualdade;
- 2) aumento do intercâmbio econômico-comercial com vistas ao benefício recíproco;

- 3) promoção da cooperação internacional, com ênfase na coordenação das negociações;
- 4) promoção do intercâmbio entre as respectivas sociedades civis, de modo a aprofundar o conhecimento mútuo.

4 - As duas partes passaram em revista o andamento dos grandes projetos de cooperação entre os dois países nas áreas econômico-comercial, científico-tecnológica, social, cultural e outras, constatando as enormes potencialidades da cooperação sino-brasileira. Acordaram que, com base nos princípios acima, ambos os lados irão implementar os acordos de cooperação já firmados e ampliar consistentemente a cooperação bilateral para novas áreas, de forma a contribuir para o bem-estar dos dois povos.

5 - As duas partes concordaram em estabelecer a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação, a fim de orientar e coordenar o desenvolvimento do relacionamento entre os dois países. Essa Comissão será co-presidida pelo Excelentíssimo Senhor José Alencar, Vice-Presidente brasileiro, e pela Excelentíssima Senhora Wu Yi, Vice-Primeira-Ministra chinesa. A forma de funcionamento da Comissão de Alto Nível será definida de comum acordo por meio dos canais diplomáticos dos dois lados.

6. Com relação aos usos pacíficos do espaço exterior, a parte brasileira congratulou a China pelo lançamento exitoso do seu primeiro vôo tripulado em órbita terrestre. Ambos os Chefes de Estado manifestaram sua satisfação com o bom andamento e êxito do Programa de Satélites de Recursos Terrestres Sino-Brasileiro - CBERS. A adoção de um quadro regulatório para dar sustentação à cooperação relacionada às aplicações de sensoriamento remoto ampliará ainda mais os feitos já alcançados e permitirá disponibilizar a terceiras partes os serviços gerados pelo Programa CBERS.

7 - As duas partes registraram que as relações econômico-comerciais estão se desenvolvendo de forma cada vez mais estreita e que o volume de comércio bilateral tem-se expandido continuamente nos últimos anos. A parte brasileira tomou conhecimento dos importantes avanços na reforma do sistema econômico chinês e se comprometeu a examinar a questão do

reconhecimento da China como um país de economia de mercado, com espírito construtivo. As duas partes reiteraram que vão se empenhar conjuntamente pelo aprimoramento qualitativo e pelo desenvolvimento estável a longo prazo da cooperação econômico-comercial bilateral.

8 - As duas partes expressaram satisfação com os grandes projetos empresariais firmados ou anunciados durante a visita, envolvendo parcerias entre importantes empresas brasileiras e chinesas. As duas partes notaram com satisfação o bom êxito da missão empresarial brasileira, que levou mais de 420 empresários brasileiros à China. Deram as boas-vindas à constituição do Conselho Empresarial Brasil-China, que agrupa firmas brasileiras e chinesas de grande expressão.

9 - A parte brasileira reafirmou sua posição sobre o princípio de "uma só China" e de ser o Governo da República Popular da China o único governo legal da China, posicionamento esse que vem orientando a política externa brasileira nos últimos 30 anos. Nesse contexto, concordou com a postura chinesa de que Taiwan e Tibete são partes inseparáveis do território chinês e manifestou seu repúdio a quaisquer ações e palavras unilaterais que visem a promover movimentos separatistas e a aumentar a tensão da situação no estreito de Taiwan e a conduzir à "independência de Taiwan". A parte chinesa manifestou a sua apreciação pela posição brasileira nesse sentido.

10 - As duas partes coincidiram na defesa da democratização das relações internacionais e de um sistema internacional multipolar como fatores fundamentais para enfrentar ameaças e desafios globais e regionais por meio da prevenção e da solução pacífica de controvérsias e com base no respeito à igualdade soberana e ao direito internacional.

11 - As duas partes expressaram seu apoio à autoridade das Nações Unidas e ao seu papel central na manutenção da paz e da segurança internacionais e na promoção do desenvolvimento. Nesse contexto, expressaram a necessidade de reforma das Nações Unidas, inclusive a do Conselho de Segurança, de forma a torná-lo mais representativo e democrático, promovendo as reformas necessárias e adequadas naquele órgão, que dêem maior papel aos países em desenvolvimento.

A parte chinesa atribuiu alta importância à influência e ao papel que o Brasil tem desempenhado nos assuntos regionais e internacionais e apoiou o Brasil, como o maior país em desenvolvimento do hemisfério ocidental, para desempenhar maior papel nas instituições multilaterais, como as Nações Unidas. A parte chinesa manifestou a disposição de fortalecer o intercâmbio e a cooperação com a parte brasileira nessa questão.

12 - As duas partes repudiaram com firmeza o terrorismo em todas suas formas. A esse respeito, expressaram a convicção comum de que o combate ao terrorismo deve implicar medidas abrangentes de cooperação e tratar tanto do fenômeno como das suas raízes. Nesse sentido, as duas partes fizeram apelo à comunidade internacional para que se fortaleça a cooperação e se dê o papel dominante às Nações Unidas.

13 - As duas partes consideraram que a questão do desenvolvimento se torna cada vez mais crucial em âmbito global e defenderam o reforço da cooperação da comunidade internacional com vistas a promover o desenvolvimento econômico e social e a erradicar fenômenos como pobreza, discriminação, desigualdade, entre outros.

A parte chinesa expressou sua apreciação pelo empenho positivo do Presidente Lula no combate à pobreza. As duas partes convieram em reforçar o intercâmbio e a cooperação entre os dois Governos nesse campo com o fim de reduzir a pobreza em âmbito global.

14 - As duas partes chamaram atenção para os desafios enfrentados pelos países em desenvolvimento diante da globalização econômica e reafirmaram a importância de se consolidar o sistema do comércio multilateral em bases equitativas. Consideraram que a nova rodada das negociações comerciais multilaterais desempenhará um papel importante na promoção do desenvolvimento global, sobretudo para os países em desenvolvimento, cujas preocupações devem ser pontos prioritários a serem resolvidos nas negociações. Sublinharam, nesse sentido, o papel central das negociações em agricultura e o papel construtivo desempenhado pelo G-20.

As duas partes manifestaram sua disposição em continuar a fortalecer a coordenação entre si na

Rodada de Doha e impulsionar as negociações com vistas a alcançar os resultados que reflitam interesses de todas as partes, em especial do mundo em desenvolvimento, para que ela se torne verdadeiramente uma Rodada do Desenvolvimento.

15 - As duas partes coincidiram em reafirmar os princípios da universalidade, indivisibilidade e não-seletividade dos Direitos Humanos conforme estabelecido pela Declaração e Programa de Ação de Viena. Nesse contexto, salientaram a importância fundamental da plena realização do direito ao desenvolvimento e reiteraram que a promoção e a proteção dos direitos humanos devem corresponder aos propósitos e aos princípios da Carta das Nações Unidas.

As duas partes manifestaram sua não conformidade com a politização da questão dos direitos humanos e com a adoção de critérios seletivos. Reiteraram também sua intenção de fortalecer o intercâmbio e a cooperação entre si no campo dos direitos humanos. A parte chinesa expressou o agradecimento à parte brasileira pelo seu apoio na Comissão de Direitos Humanos em Genebra.

16 - As duas partes consideraram que a união e a cooperação dos países em desenvolvimento nas respectivas regiões beneficiam a promoção da estabilidade e do desenvolvimento regional. A China expressou apreciação pela atuação positiva do Brasil no campo da integração regional, e o Brasil elogiou o processo de modernização da China como importante fator de promoção à segurança, à estabilidade, ao desenvolvimento e à cooperação na Ásia.

17 - As duas partes consideraram que a Parceria Estratégica Sino-Brasileira é parte importante do relacionamento entre a China e a América Latina e da cooperação transregional entre a Ásia e a América Latina. Concordaram em que os dois países vão continuar a se empenhar pelo contínuo desenvolvimento das relações entre a China e a América Latina e entre a Ásia e a América Latina.

A parte brasileira incentivou a China a continuar buscando cooperação de benefício recíproco com os países e as organizações regionais da América Latina e manifestou apoio a que a China se torne observador da OEA e membro do BID. A China, de seu lado, expressou apoio a que o

Brasil tenha maior participação no processo do desenvolvimento da Ásia e a se tornar membro do Banco do Desenvolvimento da Ásia.

18 - As duas partes sublinharam a existência da forte complementaridade econômica entre o Mercosul e a China e as amplas perspectivas do desenvolvimento da cooperação econômico-comercial. Frisaram, assim, a necessidade de aperfeiçoar o mecanismo de diálogo entre o Mercosul e a China, bem como de realizar consultas profundas sobre o livre comércio e demais temas de interesse mútuo.

19 - O Presidente Lula agradeceu a calorosa acolhida e a grande hospitalidade recebidas durante a visita à China e convidou o Presidente Hu Jintao para visitar o Brasil em data oportuna. O Presidente Hu Jintao aceitou o convite com satisfação.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Fonte: OLIVEIRA, Carlos Tavares de – China: O que é preciso saber – São Paulo: Aduaneiras, 2004 – Pág. 105-110.